

FOLHA DA MANHÃ

SEMANARIO POLITICO E NOTICIOSO

REDACTOR—Ludgero Ramires

EDITOR—M. José d'Oliveira

ANNO I

Assignaturas

Trimestre	360 rs.—com estampilha	400
Semestre	720 » — »	800
Anno	1440 » — »	1600
Avulso	40 » — »	42 1/2

BARCELLOS

QUINTA-FEIRA, 10 DE JUNHO DE 1880

Publicações

Corpo do jornal	40 rs.
Secção d'annuncios	30 »
Repetição	20 »
Corresp. franca de porte á Redacção da FOLHA DA MANHÃ	

N.º 45



Salve, augusto dia 10 de Junho de 1880!

Gloria infinda a Camões e a Portugal!

Quem haverá hoje, n'este afamado e illustre berço d'heroes, que não saude profundamente do coração o sublime e inspirado cantor dos valerosos feitos portuguezes?!

Ao gigantesco vulto do grande epico n'este glorioso dia, depois de passados tres seculos, o mundo inteiro attenta maravilhado, e presta a mais respeitosa homenagem á sua sempre brilhante memoria.

Cale-se o barbaro e o selvagem, que o mundo civilisado entoa prazenteiro o poema-heroico por excellencia, obra do mais alevantado genio e do maior espirito portuguez. Aqui o principe dos epicos da península iberica canta em sublinado verso as façanhas da sua amada patria, cujo harmonioso echo ha já tres seculos se faz ouvir sempre crescente, como bem attesta o pregão dos seus *Lusiadas* que a toda a parte ha chegado.

Parece que assim por Deus nos foi dado tão singular poeta, fervoroso apostolo do santo amor da patria, para condignamente ensinar ao mundo a brilhante historia d'este povo heroico, cuja nacionalidade esteve prestes a sepultar-se para sempre com o sceptro na fatal catastrophe de Alcacer-Kibir. Em transe tão arriscado para a patria moribunda, que lhe restava, pois, senão a sua gloriosa historia?! Só esta, a mais preciosa herança, ficava a seus filhos. Ainda bem que Camões, que tanto a amava verdadeiramente quanto se póde amar, póde sabiamente tambem por conta e medida inventariar tudo, e deixar-lhes os *Lusiadas* como o melhor evangelho da nacionalidade portugueza, para que ao tempo da sua emancipação o lêssem com o amor com que inspirado e se tornassem dignos herdeiros dos lusos valerosos. Isto foi bastante!

Se por sessenta annos durou a infame e ignominiosa tutela hespanhola, que mais era uma verdadeira escravidão, o povo portuguez, ainda raça d'heroes, póde nobremente emancipar-se e tornar-se livre como d'antes, retemperando o seu animo valeroso com a proficua lição que a antiga historia magistralmente lhe ensinava em suas brilhantes paginas. Quem mais activou este pujante esforço para assim constituir-se nacionalidade livre e independente como outr'ora, foi incontestavelmente a voz do inspirado poeta fallando ao coração na sua linguagem propria d'um verdadeiro patriota a que ninguem excedeu. Foi então que os seus *Lusiadas* obraram prodigios, que jámais se pódem e devem esquecer no decorrer dos tempos, assim como o seu glorioso nome, hoje invocado por todos os cidadãos d'esta nação illustre.

Ainda que tardio o grato reconhecimento manifestado ao grande genio do nosso immortal epico, Luiz de Camões, é elle verdadeiro e sincero, como dignamente o comprehende este seculo XIX—seculo das luzes.

E' para a celebração do jubileu camoneano, promovido pela imprensa jornalística de Lisboa, que diante d'esse excelso e egregio vulto, qual rei dos astros luminosos que o mundo inteiro alumia, todas as nações do globo n'uma só hoje se agrupam solememente em festival congresso a saudal-o, cabendo sómente a esta nossa a ditosa gloria de possuil-o.

Gloria hoje, pois, a Camões!

Gloria sempre a Portugal!

DEZ DE JUNHO

Quasi tres seculos d'um negro esquecimento, como negros foram os últimos annos do immortal cantor, preenchidos pela decadencia que de pouco a pouco nos foram imprimindo essas pederosas realidades, que tanto nos abaixaram, apregoam de bem alto qual foi o nosso abatimento, como marcam o nivel a que nos arrojaram essas perigosas theocracias, que jámais prestavam culto a tudo o que era genio e talento. O dia 10 de junho no correr d'esta santa cruzada do progresso, n'esta evolução social, que emancipa os povos e premia o que estuda e trabalha, é bastante para que ao longo se apregõe quanto valem as aspirações dos tempos modernos. O talento é o maior emblema da humanidade.

Nos angustiosos e últimos tempos da amargurada vida do poeta e soldado, a principiar pelo desastre nos plainos africanos de Alcaer-quivir, e em seguida sobre as suas cinzas, ainda quentes, começou a desmoronar-se a pyramide immensa das nossas façanhas, alcançadas, com valor, nas regiões mais longinhas do globo. A litteratura cobriu-se de luto, e não tardou a sepultar-se no mesmo tumulo. Ao desaparecimento do astro tão luminoso succedeu a escuridão de seculo e meio de trevas, porque o seculo XVII e metade do seguinte envolveram-se de negros crepes. A perda d'um genio, que symbolisa a patria, é a decadencia de um povo.

Se não fosse o vulto de padre Antonio Vieira, talento verdadeiramente extraordinario, que a Santa Inquisição condemnou, essa hedionda instituição de execranda memoria, Portugal teria succumbido debaixo d'esse gongorismo ridiculo, que o reinado dos Filippes lhe imprimiu.

São outras as gerações que correm n'estes tempos, porque outras são as suas aspirações. Um monumento de gratidão e de mais patriótica homenagem vão todos os obreiros liberaes do paiz levantar. Valerá mais do que todas as estatuas, será mais glorioso que o mais illustre dos Pantheons. Em um momento o sópro da adversidade ou o embate de forças imprevisitas pôde derribal-os, e assim o trabalho que a mão do homem cimentou, inserendo em cada pedra uma recordação historica e em cada face uma legenda patriótica, fica transformado em um montão de ruínas, que o tempo nivella ao chão mais calcado. Mais elevados monumentos nos legou a antiguidade, mas hoje nem sequer existem as ruínas.

E' monumento mais glorioso o que Portugal levanta no dia 10 de junho ao immortal cantor das nossas façanhas. Não morrerá, porque o passar do tempo lhe servirá de engrandecimento. Será legendario atravez dos seculos, porque n'elle se gravará para ensinamento das gerações, que vierem, que o seculo XIX, o filho

predilecto da Revolução e o immo genio da grande Ideia, é generoso e profundamente liberal, como os seus fundadores.

Avante, pois. Um dia só, n'esto seculo, vingará a affrontosa ingratidão de tres seculos de esquecimento.

Paulo de Barros.

LUIZ DE CAMÕES

«Aquelle cuja lyra sonora
Será mais amada que ditosa.»
(Lus. c. X, est. 123)

Viveu pelos annos de 1524 a 1580 este celeberrimo poeta portuguez, de geração fidalga, mas pobre. Malquistado por intrigas de aulicos, e apaixonado por uma dama do paiz, D. Catharina d'Athaide, foi desterrado. Desgostoso pela má sorte que o perseguia, entrou na milicia e foi combater contra os marroquinos em Africa, onde perdeu um olho n'um ataque a Ceuta.

Como não achasse na sua patria recompensas nem para o seu valor bellico, nem para o seu talento poetico, em 1553 fez-se de vela para a India oriental. Tres navios que viajavam de comboio com elle perderam-se; e chegando a Goa, á falta de encontrar emprego, teve que alistar-se como voluntario para o reino de Cochim. Depois de mortos quasi todos os seus irmãos d'armas, que haviam perecido á influencia do clima, voltou a Goa sem dinheiro, e teve de fazer parte d'outra expedição contra os piratas do mar Vermelho. Com estas agitações mais arrojado impulso adquiriu o seu estro poetico.

Uma satyra que elle escreveu contra a má administração das Indias foi causa de que o visorrei o exilasse para Macau, onde se sujeitou a exercer o triste emprego de administrador dos bens dos fallecidos. Foi lá, n'este desterro, em sua gruta de conchavo rochedo, que forma como uma arcada de paredes quasi a pino, inflamada no mais abraçador amor da patria, que compoz o poema que o immortalisou, os Lusíadas, onde canta brilhantemente a gloria dos portuguezes e as excursões de celebre navegante e forte capitão Vasco da Gama.

Após cinco annos de exilio fôra-lhe permitido voltar a Goa; no trajecto naufragou na costa da Conchinchina, e salvou-se a nado do furor das ondas, não levando senão consigo na mão, que emergia do mar, o manuscrito do seu poema. Apesar de tamanho arrojado em prol da sua patria, novas perseguições o assediaram, sendo em seguida accusado de delapidação e encarcerado, não lhe valendo justificar-se para sair da prisão, onde seus credores o detiveram, senão á generosidade de varios individuos, que se reuniram para contribuirem para o pagamento das suas divi-

das e despesas do seu regresso á Europa.

Tornou effectivamente a ver Lisboa, onde entrou em 1569, e publicou a sua epopeia. Mas por fatalidade acabava ella de ser dizimada pela grande peste! Ninguem então podia occupar-se d'um poeta. Perceberia á mingoa, se não obtivesse uma pensão annual de 100 libras, dadas pelo rei D. Sebastião, que aceitou a dedicação do seu poema; por quanto succedia muitas vezes a Camões não ter para viver mais que o pão que recebia dos frades, ou que de noite lhe mendigava o seu escravo João, esse javatez que trouxera da India.

Esmorecido pela indigencia, exausto, enfim, cahiu enfermo em seu pobre leito, e expirou em 10 de junho de 1580 á volta dos 56 annes.

Em vez, porém, de elle mal-dizer com colera a sua ingrata patria, que o esquecia, amou-a constantemente. Assim, quando soube no seu leito de morte do fatal desastre de Alcaer Kibir, tão funesto a Portugal, que perdeu o seu rei D. Sebastião e a flôr da sua nobreza, pronunciou estas palavras: «Tenho amado tanto a minha patria, que me julgo feliz não só por morrer em seu seio, mas tambem por morrer com ella.»

Perecendo então desperechido, deixava escripto para ser objecto de pezares posthumos:

Vereis amor da patria não movido
Do premio vil, mas alto, e quasi eterno:
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
(Lus. c. I, est. 10)

Depois de Dante, nenhum poeta epico moderno se inspirará tanto no amor da patria, como Camões, que julga exaltar-lhe sobremodo a gloria cantando brilhantemente os seus valerosos feitos d'além-mar.

Ao seu poema deu o titulo de Lusíadas, como sendo o heroe o povo portuguez—os lusos, e não Vasco da Gama, que não brilha senão com a luz reflectida da patria. E' o poeta que falla, quando Gama diz ao rei de Melinde:

Esta é a ditosa patria, minha amada,
A qual só o ceo me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empresa acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo.
(Lus. c. III, est. 21)

Por ella chora ás vezes as proprias miserias, e pede auxilio ás nymphas do Mondego e do Tejo; recorda que a sorte o arrastára a longinhas paragens, com a penna n'uma mão e a espada n'outra, perseguido com a pobreza, repellido das mezás hospitalitárias, trahido nas suas esperanças, e despresado ingratamente dos que exaltava.

No mais, Musa, no mais que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas do ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor, com que mais se acende o engenho
Não é da patria, não, que está metida
No gosto da cubiga, e na rudeza
D'uma austeridade, e vil tristeza.
(Lus. c. X, est. 137)

Estudo sobre Camões

Direi primeiro do amor meio leandario de Luiz Vaz de Camões a D. Catharina de Athaide, como causa essencial da sua vida inquietta e dos revezes da sinistra fortuna, procedentes d'esse desvio da prudencia na mocidade.

Diogo Paiva d'Andrade, sobrinho do celebre orador, deixou umas Lembranças ineditas que passaram da opulenta livreria do advogado Pereira e Souza para meu poder. Diogo de Paiva nasceu em 1576. E' contemporaneo de Camões. Conheceu provavelmente os homens da convivencia do poeta. Poderia escrever amplamente, impugnando algumas noticias de Mariz, de Severim e de Manuel Correia. Era cedo, porém, para que o assumpto lhe interessasse bastante. Na juventude de Paiva, as memorias de Camões não tinham ainda atingido a consagração poetica de que se formam as nebulosas do mytho. Diogo de Paiva pouco diz; mas, n'essas poucas linhas, ha duas especies não relatadas pelos outros biographos:

«Luiz de Camões, poeta bem conhecido, tendo 18 annos, namorou Catharina de Athaide, e principiou a inclinação em 19 ou 20 d'abril do anno de 1542, em sexta-feira da semana santa, indo ella á igreja das Chagas de Lisboa, onde o poeta se achava. A esta senhora dedicou muitas das suas obras, e ainda que com diferentes nomes é a mesma de que falla repetidas vezes. Foi depois dama da rainha D. Catharina, e, continuando os amores com boa correspondencia, mudou ella de objecto para os agrados de que Camões se queixa em suas composições. Por estes amores foi quatro vezes desterrado; uma de Coimbra, estando lá a corte, para Lisboa; outra de Lisboa para Santarem; outra de Lisboa para Africa; e finalmente de Lisboa para a India, d'onde voltou muito pobre, sendo já fallecida D. Catharina, por quem tão cegamente se apaixonára.»

O desterro de Camões de Coimbra, onde estava a corte, é a novidade que não pude conciliar com o facto de ter residido D. João III em Coimbra nos annos immediatos a 1542, anno em que o poeta vira D. Catharina na igreja das Chagas. Os impressos que consultei, e não foram poucos, não me esclareceram. Sei tão somente que o rei esteve em Coimbra por 1527 e 1550. N'esta segunda data já Camões se repatriára do segundo desterro em Africa. Quanto á inconstancia da dama da rainha—novidade de mais facil averiguação—os factos que vou expender a persuadem coherentemente.

D. João III, o rei-inquisidor, e piedoso por antonomasia, antes de fazer um filho em Isabel Moniz, fizera outro em Antonia de Berredo. Eram ambas de linhagem illustre. A primeira finou-se n'um convento da Guarda, sem ter visto seu filho Duarte que, aos 22 annos, morreu arcebispo de Braga. A segunda ficou na corte, e achou marido de raça fina, sem embargo da concubinage real, agravada pelo acto da sua notoria fecundidade. A criança tinha morrido. Os nobiliarios chamaram-lhe Manuel e occultaram-lhe o nome da mãe, visto que ella propagou altos personagens, sujeitos envergonhados.

Antonia de Berredo casára com um viuvo rico e velho, Antonio Borges de Miranda, senhor de Carvalhaes, Ilhavo e Verdemilho, que da sua primeira mulher, da casa de Barbacena, tivera dois filhos, a quem competia a successão dos vinculos, e deu á luz um menino que se chamou Ruy de Borges Pereira de Miranda. O marido falleceu. Os filhos do primeiro matrimonio, Simão Borges e Gonçalo Borges fo-

ram esbulhados da successão dos vinculos—um estrondoso escandalo em que influiu o arbitrio despótico do rei a favor do filho da sua amante.

Apossado iniquamente dos senhores de Carvalhaes, Ilhavo e Verdemilho, Ruy Borges, filho de Antonia de Berredo, afficou-se a D. Catharina de Athaide, filha de Alvaro de Souza, veador da casa da rainha, senhor de Eixo e Requeixo, nas visinhanças d'Aveiro. D. Catharina era pobre, como filha segunda; seu irmão André de Souza era um simples clerigo, prior de Requeixo; o senhor da casa era o primogenito Diogo Lopes de Souza.

D. Catharina acceitára o galanteio do poeta Luiz Vaz de Camões, talvez antes de ser requestada por Borges de Miranda. O sr. de Ilhavo, rivalisado pelo juvenil poeta, sentia-se inferior ante o espirito da dama da rainha. Seria um estapido consciencie; queixou-se talvez á mãe. Não é de presumir que a mulher de D. João III se aviltasse protegendo o galanteio repellido do filho da Berredo—amante notoria de seu marido; mas é natural que a mãe de Ruy Borges recorrese directa e clandestinamente ao rei sollicitando o desterro do perigoso emulo de seu filho. Assim pôde motivar-se o primeiro desterro de Camões para longe da corte, e o segundo para Africa em castigo da teimosia d'elle e das vacillações de Catharina de Athaide na acceitação do opulento Ruy Borges,—vacillações transigentes com a riqueza do rival do poeta pobre, a meu ver. A dama não seria muito escoimada em primores de fidelidade. Das damas da corte de D. João III dizia Jorge Ferreira de Vasconcellos: «todas são mui providas em não estarem sobre uma amarra por não ser como o rato que não sabe mais que um buraco»—e talvez pensasse em Camões quando escrevia: «Elle cuida que por ser discreto e galante ha-de vencer tudo; eu quizera-lhe muito mais dinheiro que todas as suas trovas, porque este franqueia o campo, e o al é martellar em ferro frio.»

Sahiú Camões para Africa em 1547, e lá se deveu proximoamente 2 annos. Quando regressou, a dama da rainha era já casada com Ruy Borges e vivia na casa do esposo convisinha d'Aveiro, entregue ao ascetismo, sob a direcção de frei João do Rezario, frade dominicano.

Subsistem umas Memorias communicadas a Herulano em 1832, e datadas em 1573 por aquelle frade, nas quaes o confessor revela que D. Catharina, quando elle a interrogava acerca do desterro de Camões por sua causa a esposa discreta de Ruy Borges respondia que não ella, mas o grande espirito do poeta o impellira a emprezas grandiosas e regiões apartadas. Esta resposta, um tanto amphibologica, argue e justifica o honestissimo melindre da esposa.

Se respondesse: «fui a causa de seu desterro», daria testemunho menos nobre da sua ingratidão, e teria de côrar como esposa voluntaria de Ruy Borges, como treda amante do desditoso poeta, e ainda como filha espirital do frade nimamente indagador, que varias vezes e indelicadamente a interrogava sobre o caso melindroso: *E todas las vezes que no poeta desterrado por sua razão lhe falava...*—escreve frei João do Rosario.

O arrependimento, o tedio e a saudade não a mortificara longo tempo. Morreu Catharina de Athaide em 28 de setembro de 1531, e foi sepultada na capella-mór que dotára no mosteiro de S. Domingos d'Aveiro em sepultura que talvez mandasse construir.

Camões não ignorava a tristeza reladora de D. Catharina. Este soneto exprime o sentimento d'uma

SEÇÃO NOTICIOSA

Tricentenário de Camões

Este festival dia 10, commemorativo do tricentenário do fallecimento do nosso grande epico, Luiz de Camões, é de grande gala em todo o paiz, que com verdadeiro amor patriótico saúda a memoria d'esse immortal cantor dos gloriosos feitos portuguezes no Oriente.

—Hoje, na conformidade do disposto no respectivo programma, que gostosamente recebemos e agradecemos, celebra-se em Lisboa com toda a pompa e luzimento o annuenciado prestito civico e triumphal de 10 de junho de 1880, que symbolisa e traduz este pensamento:

O povo portuguez, na communhão fraterna de todas as suas actividades e de todas as suas instituições sociais, na plena consciencia da sua vitalidade nacional e da sua solidariedade historica: — saúda a memoria do extraordinario pensador e artista, que realisou nos Lusíadas a eterna e decisiva affirmação do genio d'este povo e da sua caracteristica e gloriosa concorrencia na civilisação moderna.

—Em homenagem a Camões, haverá no Porto, além de varias manifestações pela commissão litteraria dos festejos do centenario n'aquelle invicta cidade, esplendidas festas promovidas pela grande Commissão Portuense nos recintos e jardins do *Palacio de Crystal*, nos dias 10, 11, 12 e 13 do corrente mez.

—Na Lusa-Athenas festeja-se o tricentenário. O corpo academico da universidade resolveu fazer hoje a inauguração d'um monumento a Camões na Alameda, com a maior solemnidade, havendo á noite illuminação Jablockoff no largo da Feira.

—Em Braga, a Sociedade Democratica Recreativa solemnisa litterariamente este dia do tricentenário, havendo á noite, depois da inauguração apparatusa do retrato de Camões, sarau litterario e musical no theatro de S. Geraldo, com intermeação de poesias em cada conferencia.

—A Associação Internacional Litteraria de Paris resolveu commemorar o tricentenário de Camões, celebrando as suas festas nos salões do Grand-Hotel.

—Realisar-se-ha em Madrid, na noite d'hoje no salão nobre do Conservatorio, um sarau litterario e musical, organizado pela Associação de Escriptores e Artistas, de Hespanha, para commemorar o tricentenário do grande epico lusitano.

—A directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, no Brazil, solemnisa dignamente o terceiro centenario de Camões, lançando hoje a pedra fundamental para o seu novo edificio, havendo á noite manifestação festival no imperial theatro de D. Pedro II, com assistencia de SS. MM.

—Quasi todos os jornaes estrangeiros hão publicado interessantes artigos sobre Camões, louvando muito a celebração do centenario como affirmação gloriosa de vitalidade e de honra nacional.

—A Camara Municipal d'este concelho de Barcellos effectua hoje a inauguração da sua bibliotheca publica, e festeja o tricentenário do immortal epico, fazendo de dia percorrer duas bandas musicas as ruas da villa e havendo á noite illuminação nos Paços do concelho e na Praça de D. Pedro V. Além d'isto convidou os habitantes d'esta villa a illuminarem as janellas das suas habitações.

—Resolveu a direcção da Associação Humanitaria de Socorros Barcelhenses que, somente a expensas suas, se fizesse acquisição dos retratos em tamanho natural de Camões e de Vasco da Gama pa-

ra serem collocados na respectiva sala da Associação, e que hoje á noite se illuminassem brilhantemente, bem como a casa da mesma.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

ANTONIO Caetano d'Almeida Peixoto, penhoradissimo pelas provas de subida estima e amizade recebidas de todas as pessoas de suas relações, durante a enfermidade que o acommeteu e de que se acha quasi restabelecido; por este meio agradece tantas finezas protestando-lhes o seu eterno reconhecimento. (206)

O Presidente

(205) Custodio da Costa A. Ferraz

ASSOCIAÇÃO HUMANITARIA DE SUCCORROS BARCELLINENSE

Faz-se publico aos snrs. socios d'esta benemerita associação e mais pessoas interessadas que, para o caso de pretenderem o cumprimento de qualquer obrigação ou exigencia social e para tudo quanto diga respeito a objectos da mesma, se dignem dirigir-se convenientemente ao 1.º secretario, o sr. Fernando de Figueiredo, morador em Barcelhinhos—rua Direita n.º 1.

O presidente da assemblea geral

MANOEL LUDGERO G. A. DE SÁ RAMIRES

EDITOS DE 40 DIAS

PELO juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão Andrade, correm editos de 40 dias, a contar da publicação do ultimo annuncio, a citar Manoel Antonio da Torre, casado, natural da freguezia de Palmeira do Faro, d'esta mesma comarca, e agora ausente em parte incerta, a fim de no prazo de dez dias, posterior aos editos, pagar a Manoel Gonçalves Eiras, da freguezia de Gemezes, as quantias de rês 200:000 e juros de 7 por % em divida desde 24 de maio de 1878, e de 100:000 rês, e tambem juros de 7 por % em divida desde 21 de junho do mesmo anno; de cujos capitães se constituia devedor ao exequente por escripturas publicas de 24 de maio de 1872 e 21 de junho do mesmo anno; sob pena de findo o prazo do decendio se proceder a penhora nos bens da hypotheca e a execução proseguir seus termos até real e effectivo embolso dos capitães exequendos, juros em divida, despezas de registo e custas que se liquidarem, e n'esta hypothese acha-se nomeado o bacharel Candido Lopes de Macedo Vieira de Castro, para curador do citando. — Barcellos, 3 de junho de 1880.

Verifiquei a exactidão. O juiz—Peixoto.

O escrivão

(201) Paulo A. da Rocha Andrade

vingança nobre até ao extremo de compadecida:

Já não sinto, senhora, os desenganos Com que minha affeição sempre tratastes, Nem ver o galardão, que me negastes, Merecido por fé ha tantos annos.

A magoa choro só, só chore os damnos De ver por quem, senhora, me trocastes! Mas em tal caso vos so me vingastes De vossa ingratião, vossos enganos.

Dobrada gloria dá qualquer vingança, Que o offendido toma do culpado, Quando se satisfaz com causa justa;

Mas eu de vossos males a esquivança De que agora me vejo bem vingado, Não a quizera tanto a vossa custa.

Semelhante soneto dirigido á outra D. Catharina de Athaide, dama do paço que morreu sofferta, não tem explicação. Claro é que Luiz de Camões allude á mulher que o vingava padecendo as magoas resultantes d'uma alliança em que elle foi ingratamente sacrificado. A outra dama que morreu, estando para casar, segundo a versão colhida pelos primeiros biographos, não d'ria Camões:

... a vingança

Não a quizera tanto a vossa custa.

Como o vingaria ella, desconhecendo as tristezas de casada que não chegou a ser? Era mister que se desse mudança de vida irremediavelmente afflicta e remordida de arrependimento para que o poeta se ufanasse de vingado,—e tanto que implicitamente lhe perdão. O soneto que trasladei não attrahiu ainda notavel reparo d'algum biographo, sendo a pagina mais para estudo nos amores de Camões. Antes do generoso soneto, quando a julgava contente, Camões exprimiase de mui diverso theor. O ciúme, o despeito e a colera desafogara n'outros versos perdováveis á dor mas somenos fidalgos. Chamou-lhe *cadella*.

O viuvo Ruy Borges passou logo a segundas nupcias como quem procura em outra mulher a felicidade que não pudera dar-lhe a devota Catharina absorvida no mysticismo, como n'um refugio aos pungitivos espinhos da sua irremediavel ingratião.

O poeta grangeára inimigos na corte. Deviam ser os Berredos e os parentes de Ruy Borges de Miranda. Entre os mais proximos d'este, havia um seu irmão bastardo, Gonçalo Borges, criado do paço, a cargo de quem corria a fiscalisação dos arrieiros da casa real. Teria sido esse o espia, o denunciante das clandestinas entrevistas do poeta com a dama querida de seu irmão.

Em maio de 1552, Gonçalo Borges curveteava o seu cavallo entre o Rocío e Santo Antão, no dia da procissão do *Corpus Christi*, em que se mesclava um paganismo carnavalesco de exhibições mascaradas. Dois incognitos de mascara exovalharam Gonçalo Borges, com requinhos. Houve um reciproco arrancar das espadas. Neste comenos, Luiz de Camões enviou-se ao irmão de Ruy Borges e acutilou-o no pescoço. O golpe, segundo parece, era a valer; mas não deu resultados perigosos para o ferido. Camões foi preso; e ao terminar um anno de cárcere, solicitou perdão de Gonçalo Borges que, voluntario ou coagido por empenhos, lhe perdoou, visto que não tinha *aleijão nem deformidade*. A *Carta de perdão*, produzida pelo sr. visconde de Japomenha, é datada em 7 de março de 1553, e está integralmente copiada.

Dias depois, Luiz Vaz de Camões sabia para a India, na mesquinha posição de substituto d'um Fernando Casado, e recebia rês 2:400 como todos os soldados rasos que embarcavam para o Oriente; e para isto mesmo prestou a fiança de Belchior Barreto, casado com sua tia. Aquelles 2:400 rês eram o pri-

meiro quartel dos 9:600 rês, soldo annual do soldado real.

Expatriou-se na humilhação dos mais desprotegidos. Devia de ter alienado a estima e o favor de amigos influentes, porque sabia do carcere rebaixada pelo desbrío com que implorara o perdão, e não confesso d'uma vingança por motivos menos honestos aos olhos dos velhos sérios, e desdourados na propria fidalguia pelas ribalderias amorosas d'um mancebo de nascimento illustre. Se Luiz de Camões embarcasse para a India com o commum dos mancebos fidalgos, receberia 300 ou 400 cruzados de ajuda de custo.

A familia *Camões* no reinado de D. João III esteve relegada da consideração da corte. O mais notavel d'essa familia, o cruzio D. Bento, prior geral da sua ordem, gosou apenas a prelazia monastica, mas sem influencia civil d'alguma especie.

Simão Vaz de Camões, parente do poeta, senhor d'um morgado mediano, era, por esse tempo, um libertino espiado pela justiça, deshonrado por delictos graves, e allianças matrimonialmente ignobes.

Os outros ramos vegetavam obscuros; e alguns d'essa familia que militavam na Asia não alcançaram alguma qualificação notavel nos minuciosos annaes de Gaspar Correa. Diogo do Couto nem sequer os nomeia.

No reinado de D. João II, António Vaz, avô do poeta, casara com D. Guiomar da Gama, parente de Vasco da Gama, a quem seguiu a India, capitaneando uma caravella, talvez escolhido por Vasco, em alliança ao parentesco. O heroe dos *Lusíadas* enviou António Vaz embaixador ao rei de Melinde, a cumprimental-o, a levar-lhe presentes e a concertar as pazes. Luiz de Camões, com rara modestia, omittiu o nome de seu illustre avô; d'alhe, porém, predicados de elegancia oratoria, e compraz-se em fazer discursos largamente.

Na dedicacão do discurso transluz uma licita vaidade. Vasco

Manda mais um *na pratica elegante*, Que co'o rei nobre as pazes concertasse; Partido assi o embaixador prestante, Com estylo que *Pallas lhe ensinava*, Estas palavras taes fallando orava:

Nenhum biographo, que me conste, aproximou ainda a passagem do poema do nome do embaixador António Vaz. Verdade é que João de Barros, Danião de Goes e o bispo Osorio escondem o nome do enviado; e a maioria dos biographos não conheceu os mss de Gaspar Correa, nem consultou senão os expositores triviaes.

Antão Vaz, como se lê, n'outros trechos d'aquelle prolixo chronista, é sempre proferido nas mensagens em que é essencial o discurso. Conhece-se que Vasco da Gama o reputava efficaz no dom da palavra.

Passado o anno de 1508 não tenho noticias d'elle, nem sei que se avantajasse no posto com que sahiu do reino, commandante de caravella, em 1502. Provavelmente não fez fazenda, como lá se dizia na Asia, ou porque tinha espiritos por demais levantados da terra nas azas da eloquencia, como se deprehende do conceito do neto, ou porque pertencia á raça ainda generosa e desinteressada dos primitivos soldados do Oriente. O certo é que a sua descendencia, filho e neto, não inculcam herdado-lhe os haveres.

Camillo Castello Branco

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

CARRERA QUINZENAL

Para o Rio de Janeiro, Monteviden, Buenos-Ayres, Valparaiso, Arica, Islay e Callão, tocando alternadamente em Pernambuco e Bahia

PAQUETES A SAIR DE LISBOA, ÀS 3.ª FEIRAS, DE 15 EM 15 DIAS

Callaia..... Em 9 de setembro—Em direitura ao Rio de Janeiro
 Valparaiso. » 23 » —Com escala por Pernambuco e Bahia
 Potosi..... » 7 de outubro—Em direitura ao Rio de Janeiro

GRANDE REDUÇÃO DE PREÇOS NOS MAGNIFICOS VAPORES D'ESTA COMPANHIA PARA CLASSES

	3.ª	2.ª	1.ª
Pernambuco.....	40:000	67:500	90:000
Bahia.....	40:000	67:500	90:000
Rio de Janeiro	40:500	81:000	112:500
Montevideo.....	49:500	90:000	135:000
Valparaiso.....	90:000	202:500	301:500
Arica.....	90:000	207:000	315:000
Islay e Callão.....	90:000	225:000	337:500

Sem augmento nos preços das passagens os passageiros que pela primeira vez vão para o imperio do Brazil, poderão seguir, querendo, para Santos, S. Paulo, Campinas, Santa Catharina, Porto-Alegre, ou para qualquer porto principal no litoral do Brazil, sendo sustentados no Rio de Janeiro durante o tempo que tenham de demorar-se allí á espera de transporte para o porto a que se destinam.

A passagem para Lisboa no caminho de ferro, é gratis
 AGENTES—Em Lisboa: E. Pinto Basto & C.ª, Caes do Sodré, 64
 —No Porto: Vasco Ferreira Pinto Basto, Largo de S. João Novo, 10.

Prestam-se todos os esclarecimentos e dão-se bilhetes de passagem nas agências e nas terras onde a Companhia tem correspondentes.
 Barcellos—O sr. Francisco José Ferreira de Faria. (32)

VINHOS

ENGAR-



RAFADOS

Unico deposito onde se vendem n'esta vinhos da

COMPANHIA DO ALTO DOURO

desde vinhos de meza de 5.ª qualidade até vinhos superiores. Rua Direita n.º 55. (1)

COMPANHIA

DE

NAVEGAÇÃO



A VAPOR

DE LIVERPOOL, PARA OS PORTOS DO BRAZIL E RIO DA PRATA

Debaixo de contrato postal com os governos de SS. MM. do Brazil e Grã-Bretanha, para a condução das malas

A SAHIR DUAS VEZES POR MEZ

Com excellentes accomodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classe

Estes paquetes recebem passageiros por trahbordo do Rio de Janeiro, para Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e Porto Alegre

PREÇOS REDUZIDOS

PARA	1.ª CLASSE	3.ª CLASSE
Bahia.....	72\$000	36\$000
Rio de Janeiro	81\$000	36\$000
Santos	90\$000	40\$500

Incluindo cama, roupa de cama, boa comida á portugueza, vinho, assistencia medica e serviço de criados.

Caminho de ferro do Porto a Lisboa na classe respectiva **Gratis**

Palacete—a sair em 5 de outubro para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos
 Para passagens ou mais esclarecimentos, com **A. J. SHORE &**

C.º Agente
 57, rua dos Ingleses, Porto. Em Barcellos—Rua Direita n.º 55. (3)

José Joaquim Lopes da Silva encarregou-se de imprimir Cartas circulares, bilhetes de visita, facturas commerciaes, convites para encontros, bilhetes. Avizos para pagamento, Mapas. Bstatutos de sociedades ou assembleias, ordens de pagamento e quizesquer outros trabalhos da sua arte, de que garante a nitidez e modicidade nos preços.
 Tracta-se n'esta typographia com o annunciante.

IMPRESA CAMÕES
 LARGO DO AFOIO

SÓ NA RUA DIREITA

LOJA DO SALVAÇÃO

Deposito de café flor de todas as qualidades, mais barato 40 rs. o arratel do que em qualquer outra loja.

Bom sortimento de vinhos finos engarrafados de todos os preços.

Bolacha franceza e nacional por preços commodos.

NÃO SE CONFUNDAM:

É só na loja do Salvação, rua Direita (43)

VINHOS MADUROS ENGARRAFADOS

29, Campo da Feira, 29

Manoel José de Souza, participa a seus amigos e freguezes que junto ao seu estabelecimento de merceria, continua a ter grande sortimento de vinhos finos, de diferentes qualidades. (5)

FABRICA DE CONSERVAS ALIMENTICIAS

LUZO-BRAZILEIRA

DE

C. MENERES & C.ª

PORTO

Deposito em Barcellos no estabelecimento de Francisco José Bento d'Oliveira, rua Direita n.º 55.

Tem grande variedade em compota de fructas, fructa secca, doces, legumes, e conservas de carnes, peixes e mariscos.

Preços baratissimos. (2)

COMPANHIA LLOYD DE BREMEN

PARA A BAHIA, RIO DE JANEIRO, MONTEVIDEU E BUENOS-AYRES

Grande redução nos preços

O paquete—Habsburg—de 3:100 toneladas, a sair a 19 e 20 de cada mez.

Leva passageiros de 1.ª classe, para o Rio de Janeiro, a 112:500 e de 3.ª classe a 36:000.

Quizesquer informações ou bilhetes de passagens podem obter-se dos agentes Rawes & C.

N. B.—Todos os paquetes d'esta companhia tem feito as suas viagens para o Rio de Janeiro de 12 a 13 dias. Tracta-se em Barcelinhos como agente José Joaquim Ferreira Graça. (6)



LINHIA DE PAQUETES A VAPOR

PARA OS PORTOS DO BRAZIL E RIO DA PRATA

Em 3 de cada mez sahirá DE LISBOA um dos paquetes d'esta companhia para o Rio de Janeiro, Monteviden e Buenos-Ayres.

Em 13 para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Em 28 para Pernambuco, Maceió, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

A experiencia de mais de 28 annos tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tratamento e accomodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

A bordo dos paquetes da MALA REAL INGLEZA, os passageiros tem gratis cama, roupa de cama, comida cosinhada por cosinheiros portuguezes, vinho 2 vezes por dia; assistencia medica, serviço de criados e outras despesas, assim como o transporte de comboyo de Barcellos até Lisboa.

Trata-se no Porto na rua dos Ingleses n.º 23 e em Barcellos com

MANOEL ANTONIO ESTEVES (14)

IMPRESA CAMÕES—LARGO DO AFOIO